



As dimensões da Escola de Veneza

The dimensions of the Venice School

PEIXOTO, Elane Ribeiro

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de Brasília - UnB, Brasília, Brasil. elanerib@hotmail.com
ORCID ID: 0000-0001-9998-3438

Recebido em 14/01/2020
Aceito em 28/01/2020

Resumo

Este artigo oferece um quadro histórico para a compreensão da Escola de Veneza, problematizando sua unidade, as tensões entre os grupos nela constituídos e aponta seu possível legado. As fontes pesquisadas são os anuários do “Istituto Universitario di Architettura di Venezia”, entrevistas com professores e ex-professores dessa instituição e revisão bibliográfica de autores não publicados no Brasil. Buscou-se ampliar o entendimento dessa instituição para além do que se consagrou como suas vertentes de pesquisa, os estudos tipológicos/ morfológicos e os historiográficos, incluindo as contribuições na intervenção de edifícios históricos e o pioneirismo na formação específica de planejadores urbanos.

Palavras-Chave: Historiografia Contemporânea; Escola de Veneza; Arquitetura Italiana.

Abstract

This article provides a historical perspective for the understanding of the “School of Venice”, questioning and discussing its unity, the tensions between the groups that were formed within the institution and pointing out its possible legacy. The sources for the research include the annals of the “Istituto Universitario di Architettura di Venezia”, interviews with current and former professors of the institution and a literature review of authors who have not been published in Brazil. This research seeks to expand the knowledge on this institution beyond what has been established as its main research fields, the typological/morphological and historiographical studies, including their contributions to interventions on historical buildings and pioneering work on the training of urban planners.

Key-Words: Contemporary Historiography; School of Venice; Italian Architecture.

1. Introdução

As contribuições da Escola de Veneza aos debates sobre arquitetura e urbanismo a partir da década de 1960 são, nos livros de referência ao estudo do século XX, reconhecidas como importantes. Todavia, a maioria desses textos refere-se às obras mais divulgadas vinculadas aos nomes de alguns de seus mais conhecidos protagonistas como Aldo Rossi, Vittorio Gregotti e Manfredo Tafuri. São mais raros os textos que abordam a Escola de Veneza ou o Istituto Universitario di Architettura di Venezia (IUA) de forma mais abrangente, buscando compreendê-la num tempo mais dilatado e reconhecendo as condições que a tornaram nos anos de 1970 uma instituição internacionalmente conhecida. Além disso, constata-se um questionamento mais sistemático acerca da suposta unidade que a designação "Escola de Veneza", atribuída por Giuseppe Samonà, sugere. Decorrem, dessa situação, equívocos que reduzem o entendimento histórico dos debates e da produção dos arquitetos, artistas e historiadores presentes na origem dessa instituição. A astuta atitude de Samonà possivelmente condicionou a visão de estudiosos estrangeiros que fixaram, de certa forma, a Escola de Veneza em somente duas de suas vertentes de pesquisa, os estudos tipológicos/morfológicos, indissociáveis e restritos aos nomes de Rossi e Gregotti, e os estudos historiográficos daqueles de Tafuri, com ênfase em suas leituras sobre a arquitetura moderna. Ficam à margem duas outras vertentes reconhecíveis na experiência de Veneza, a intervenção em edifícios históricos e seu pioneirismo na formação de planejadores urbanos. Este artigo oferece um quadro histórico para a inteligência da Escola de Veneza, problematizando sua unidade a partir de sua formação, as tensões entre os grupos que nela se constituíram e, por fim, aponta o que se poderia considerar seu legado.

As fontes pesquisadas incluem os anuários do IUAV, entrevistas com professores da instituição realizadas em 2015, durante estágio pós-doutoral. Os textos indisponíveis na língua portuguesa foram traduzidos pela autora, portanto, são livres. O artigo estrutura-se em três partes, a primeira dedica-se à análise das abordagens da Escola de Veneza nos principais livros de história da arquitetura do século XX, a segunda recupera a história da instituição e a terceira pondera sobre o seu legado.

2. Referências à Escola de Veneza

Na antologia de textos sobre teoria da arquitetura organizada por Kate Nesbitt e publicada em 1996, encontra-se na introdução e em um de seus capítulos referências à Escola de Veneza. Na introdução, tem-se uma breve apresentação do IUAV – *Istituto Universitario di Architettura di Venezia*:

[...] fundado no pós-guerra, tornou-se, sob a direção de Giuseppe Samonà, entre 1945 e 1970, um importante centro de ensino e pesquisa. Em 1968, Manfredo Tafuri (falecido em 1994) fundou, no âmbito do IUAV, o Instituto de História da Arquitetura, que para ali atraiu outros pesquisadores interessados na teoria crítica e no marxismo. Os ensaios em que Tafuri fez a revisão do método historiográfico alemão e das relações entre marxismo e arquitetura são ainda hoje muito consultados.

Embora os nomes de Rossi e Gregotti sejam geralmente associados a Milão, a cidade em que nasceram, ambos fazem parte do grupo de arquitetos neo-racionalistas conhecido como "Escola de Veneza". Suas carreiras são uma prova da importância de seu engajamento simultâneo em diferentes aspectos da profissão, inclusive na atividade docente que ambos exerceram no IUAV (NESBITT, 2006, p.24).

No capítulo "A Escola de Veneza", três textos são apresentados como representativos do pensamento do que se convencionou chamar de a Escola de Veneza. Trechos de Gregotti, Rossi e Tafuri são antecidos pelos comentários da organizadora do livro conforme a estrutura deste. A menção ao IUAV encontra-se na apresentação dos textos de Rossi e de Tafuri, e pouco esclarece sobre o instituto, como se pode constatar nas citações:

Rossi insiste indiretamente na importância do contexto, citando Walter Benjamin, o teórico da Escola de Frankfurt, que diz: "eu sou indiscutivelmente deformado pelas



relações com tudo o que me cerca". Essa citação faz supor a existência de vínculo entre o IAUV e a Escola de Frankfurt, vínculo que é explicitado na obra histórica de Manfredo Tafuri e Francesco Dal Co. (NESBITT, 2006:378).

Tafuri e seus colegas do IAUV, inclusive colaboradores como Francesco Dal Co, foram influenciados por Walter Benjamin e outros membros da Escola de Frankfurt, cujas idéias eles difundiram na comunidade dos arquitetos (NESBITT, 2006: 389).

Ghirardo (2002), em "Arquitetura contemporânea: uma história concisa", não se reporta à Escola de Veneza, mas a Rossi, Gregotti, Tafuri e muito brevemente a Carlo Aymonino. Ao primeiro atribui maior importância, destacando a publicação de "Arquitetura da cidade" (1966), seus projetos para a Universidade Castellanza, o teatro Carlo Felice (Gênova, 1987-90), o monumento a Sandro Pertini (Milão, 1990) e sua participação no IBA, além de discutir a relação distinta com a história da arquitetura estabelecida por Rossi daquela empreendida por Venturi.

A respeito de Gregotti limita-se a indicar os artigos publicados na revista *Casabella* na década de 1980, nos quais ele discute, em termos teóricos, a concepção do que a autora denomina mega-arquitetura, exemplificada na proposição desse arquiteto para o Centro Cultural de Belém (Lisboa, 1992), em pareceria com Manuel Salgado, e assevera: "[...] o Centro Cultural expressa enfaticamente a idéia de Gregotti de uma arquitetura de dimensões gigantescas que é imposta à força ao lugar e à cidade, uma fortaleza em roupagem moderna" (GHIRARDO, 2002:42).

A referência a Tafuri causa um desconforto e demonstra a superficialidade de interpretação de sua obra. Ghirardo (2002:30) atribui à crítica ideológica proposta por Tafuri uma "narrativa de perda", nostalgicamente semelhante aos teóricos do século XIX, Ruskin e Morris. Nenhuma palavra positiva sobre a crítica à ideologia do movimento moderno e tampouco qualquer referência à ruptura epistemológica que o historiador realizou no campo da história da arquitetura, tornando-o uma referência internacional.

Montaner, no panorama que elabora sobre a arquitetura do século XX, com ênfase na segunda metade do século, é mais pródigo em relação à experiência italiana do que os autores anteriormente citados. Apresenta um quadro introdutório à arquitetura do pós-Segunda Guerra retrocedendo aos anos 50 para nele recuperar as formas de revisão do movimento moderno, considerando as experiências do neorrealismo romano, o discurso de reaproximação com as tradições locais, a fundação da APAO (1945 – Associação para a Arquitetura Orgânica) por Bruno Zevi. Dedicar um considerável espaço para esclarecer a importância de Ernesto Natan Rogers, especialmente expressa nos editoriais da revista *Casabella-Continuitá* e na revisão do moderno feita pelo grupo BBPR, mencionando as polêmicas travadas entre britânicos e italianos mediante a construção da Torre Velasca (1950-58). Não lhe passam despercebidas as contribuições dos arquitetos italianos à arquitetura dos museus. No capítulo X, "Depois do movimento moderno: arquitetura da segunda metade do século XX", explicita as contribuições de Rossi a partir das formulações que atribui a Rogers relativas à atenção às pré-existências, a ideia de monumento e à atuação dos arquitetos nas cidades.

No mesmo livro, no capítulo XIV, "Revival historicista e vernáculo", Rossi novamente ganha destaque em uma análise muito mais benevolente em relação aos outros arquitetos que aludem à arquitetura histórica como ponto de partida para a ação projetual. Montaner distinguiu na atuação do arquiteto duas fases, a primeira apresentando um código mais próximo ao moderno e a segunda, mais livre e madura, coincidindo com a realização de projetos considerados os mais poéticos.

A menção a Vittorio Gregotti é breve e atém-se às questões levantadas no livro "Território da Arquitetura" (1966) e na constatação do salto de escala que ele sugere, considerando toda intervenção arquitetônica no âmbito do território. Sublinha seu alinhamento à intenção dos profissionais italianos do pós-guerra de valorização do trabalho artesanal.

Quanto a Manfredo Tafuri, Montaner (2013:18) declara a recorrência ao trabalho do historiador italiano, a partir do qual encontra o apoio teórico para suas próprias reflexões. Ao longo da leitura de “Depois do Movimento Moderno”, muitas são as notas que indicam, aconselham a leitura de Tafuri ou o citam e comentam suas ideias, como é o exemplo a seguir:

Por outro lado, o arquiteto e teórico Manfredo Tafuri, analisando de forma crítica as tradições realistas na arquitetura – a Viena vermelha, o realismo soviético, o neo-realismo italiano, o novo empirismo escandinavo – formula uma denúncia ao uso ideológico do realismo. Segundo ele, ao longo do tempo o realismo como argumento comunicativo aliena os usuários e vende uma arquitetura de baixa qualidade. (MONTANER, 2013:18).

Em “O futuro da arquitetura desde 1889: uma história mundial”, publicado pela primeira vez em 2012, Jean Louis Cohen refere-se à arquitetura italiana a partir de movimentos ou de protagonistas, em um recorte temporal compreendido entre as vanguardas – Futurismo e Racionalismo – e os debates mais recentes associados à Escola de Veneza. Resumidamente trata da experiência de reconstrução italiana, mencionando os programas sociais de habitação INA-Casas (1949-1963) e UNRRAS-Casas, nos quais os arquitetos puseram em prática uma aproximação com a arquitetura tradicional local, apontando um primeiro distanciamento do modernismo dos anos 30. Esclarece a origem desses programas, o primeiro se tratando do Plano de Amintore Fanfoni, influenciado pelo New Deal, cujo propósito era a construção das residências operárias e a criação de emprego. O segundo designa as residências construídas por camponeses com recursos da *United Nations Relief and Rehabilitation Administration*, vigente na Europa durante a reconstrução pós Segunda Guerra Mundial.

No capítulo "Rumo a novas utopias", o tema principal é o confronto dos anos 50 entre Rogers e Banaham, que sinaliza as duas linhas utópicas confrontadas durante os anos seguintes: de um lado, a história, a tradição arquitetônica, e de outro a tecnologia como expressão poética da arquitetura. Ainda neste livro, Carlo Scarpa é considerado relevante na recuperação da materialidade da arquitetura dos anos 70, a partir de seus interiores exaustivamente detalhados. Todavia, Cohen (2013) não o vincula à Escola de Veneza e só cita o *Istituto Universitario di Architettura* quando menciona Manfredo Tafuri:

Rejeitando tanto a tentação populista quanto tecnocrática de uma arquitetura que colabora cegamente com a modernização capitalista, a crítica radical à "ideologia arquitetônica" feita por Manfredo Tafuri, professor de história do Istituto Universitario di Architettura di Venezia (IUAV), convida a uma reconsideração da experiência moderna como um todo. Ele não contesta suas orientações estéticas, mas desmascara suas ilusões, a começar pela crença de que um "bom" plano urbano poderia garantir uma sociedade mais harmoniosa. Considerando os projetos utópicos nada mais que uma máscara para a reorganização do capitalismo, aponta o fracasso das vanguardas em fazer com que as forças sociais dominantes adotassem suas posições. (COHEN, 2013:409).

Em 1984, Cohen publicou “*La coupure entre architectes et intellectuels, ou les enseignements de l’italophilie*” (2015). Nesse livro discute a formação do IUAV e identifica as trocas culturais entre França e Itália nos anos de 1970. O trabalho, com muito mais amplitude, expõe com mais propriedade a importância do IUAV, e a forma resumida que apresenta em “O futuro da arquitetura desde 1889: uma história mundial” justifica-se pela ambição de construir um relato na extensão que o título do texto denuncia.

Como se pode constatar nas referências aos livros acima comentados, as informações são insuficientes para elaborar um quadro mais equilibrado e menos personificado do IUAV. Em todos eles, exceção feita ao de Montaner, há uma unanimidade de tratamento, os protagonistas são os mesmos e os temas destacados encaminham-se para a vinculação do instituto às ideias que circularam na revista *Casabella-Continuità*, sob a direção de Ernesto Natan Rogers, frisando a importância dos debates sobre tipologia arquitetônica e morfologia urbana e sobre o papel de Manfredo Tafuri na crítica ao Movimento Moderno.

Sobre o IUAV como instituição e ambiente que propiciou uma convergência de profissionais vindos de Roma, Milão e Veneza, os registros são poucos. Conhecer um pouco a história do IUAV permite lançar luz a outros arquitetos e professores que antes mesmo de Rossi, por exemplo, ocupavam-se com os estudos da cidade em termos morfológicos e tipológicos, como Saverio Muratori e Egle Trincanato. Além disso, essa abordagem possibilita repensar a unidade de pensamento que sua designação como escola supõe e identificar suas contribuições para o campo da arquitetura e do urbanismo.

3. A "escola de Veneza" vista de perto

Para uma síntese histórica do Istituto di Architettura di Venezia apoiou-se principalmente em três fontes bibliográficas: os livros organizados por Guido Zucconi e Martina Carraro (2011), o de Franco Mancuso (2004) e a tese de doutorado de Rossana Carullo (2009).

Em "Officia IUAV, 1925-1980 (2011)", Zuconi e Carraro consideram a história do instituto em três fases: a de início, compreendida entre 1925-1945; a "era Samonà" de 1945-1970 e a de universidade de massa de 1969 a 1980. Esclarecem que a maior parte das pesquisas sobre o instituto é dedicada aos anos de seu apogeu, correspondentes a sua segunda fase, razão pela qual procura contribuir com a obra coletiva para suprir a carência de informação sobre as outras fases.

O IUAV originou-se da Scuola Superiore di Architettura fundada em 1926, que oferecia, então, um curso de formação específica para os arquitetos com duração de cinco anos, sendo precedida apenas pela criação da escola de Roma. Os primeiros vinte anos da Scuola, sob a direção de Guido Cirilli, foram os de definição da formação de profissionais que se colocassem entre "o artista e o cientista entre o técnico e o humanista". Seu corpo docente era pequeno, formado por professores locais, e paulatinamente, por empenho de Cirilli, foi sendo enriquecido com a vinda de professores de outros centros acadêmicos da Itália. Entre os professores venezianos, encontravam-se o jovem Carlo Scarpa, que havia se diplomado professor de Disegno Architettonico pelo curso especial de arquitetura da Accademia de Venezia, e Egle Trincanato, que exerceria, posteriormente, papel decisivo nos estudos sobre a cidade lagunar.

Esta primeira fase do instituto, como observado por Fabbricatore (2011), coincide com a Itália fascista, que, com sua política de centralização, opta pela perda de autonomia dos institutos italianos de arquitetura transformados em faculdades, com exceção do de Veneza. Em 1938, foram promulgadas as leis raciais, restringindo os direitos de pessoas de origem hebraica, incluindo o seu afastamento das atividades de ensino. Entre os futuros professores do IUAV que partiriam da Itália neste período encontravam-se Bruno Zevi e Daniele Calabi (1992). O primeiro dirigiu-se para os Estados Unidos e o segundo para o Brasil, onde exerceu suas atividades em São Paulo.

O ensino no Regio Istituto di Architettura, nome da Scuola depois de 1933, em pleno período fascista, englobava o estudo da arquitetura monumental com visitas e viagens de estudo. A orientação era estudar as soluções do passado, nos seguintes termos:

Cirilli vê no estudo do passado, em particular nos mestres do Renascimento, o elemento essencial para dar vida a uma nova arte, a uma nova arquitetura. Esta nova arquitetura, impregnada de características de romanidade e italianidade, será um ensinamento para as futuras gerações e permanecerá como símbolo de período de poder. Cirilli insistia que tudo aquilo não pode "derivar de outras fontes que muito se diferenciam de nosso temperamento de latinos" e condena a arquitetura contemporânea da qual se sente totalmente distante (FABBRICATORE apud ZUCCONI, CARRARO, 2011:59). (Tradução da autora).

No final da década de 1930, Giuseppe Samonà integrou-se ao corpo docente do IUAV e em 1945 tornou-se seu novo diretor. Os trabalhos consultados são unânimes acerca de Samonà. Originário da Sicília, mas de formação romana, o diretor do IUA durante o longo período de 1945-1970 rompeu o isolamento do instituto, reunindo arquitetos, urbanistas e artistas de diversas origens, tornando-o um

centro de referência para a formação de arquitetos e urbanistas na Europa e na América do Norte. A gestão de Giuseppe Samonà cinge duas gerações de importantes profissionais italianos: a primeira compreende os arquitetos que interpretaram de forma original o código moderno e a segunda, aqueles que procederam à crítica a esse movimento.

Samonà é sempre descrito como dotado de um forte, diplomática e agregadora personalidade. Propôs a articulação do instituto com outras instituições venezianas, como é o caso da Universidade C'a Foscari, outras estrangeiras, principalmente na Europa e Estados Unidos. Por meio das articulações de Samonà, Richard Neutra (1948), Le Corbusier (1936-1952-1965), Frank Lloyd Wright (1951), Alvar Aalto (1956) e Louis Khan (1968) visitaram Veneza. O diretor do IUAV agitava o meio cultural veneziano.

[...] ele fazia um tipo de “campanha cultural”. Por um período falava-se de Richard Neutra, depois abandonava o argumento para retornar a Le Corbusier; quando se enamorava de uma coisa trocava todas as fotos do estúdio. Por isso era um grande animador cultural, um profissional da cultura. (GAMBIRARASIO apud CARULLO, 2009:326).

Entre as décadas de 1940 e 1950, Giuseppe Samonà imprimiu uma orientação pedagógica proposta para o IUAV, assumindo sua adesão ao Movimento Moderno. Concorreram para esta transformação professores como Bruno Zevi (1918-2000), Franco Albini (1905-1977), Ignazio Gardella (1905-1999), Giovanni Astengo (1915-1990), Luigi Piccinato (1889-1983). A eles somavam-se Carlo Scarpa e Egle Tricanato, docentes do período de Cirilli.

Um exemplo de como esta orientação se concretiza encontra-se nas experiências conduzidas na disciplina *Elementi di Architettura e Rilievo dei Monumenti*, empreendidas por Samonà e Tricanato. Antes da intervenção dos dois professores, o primeiro ano do curso era destinado aos estudos da arquitetura clássica, grega e romana, e o segundo ao desenho de plantas, cortes e fachadas, seguidos dos estudos de composição de arquitetura civil, industrial, rural, entre outras. Samonà e Tricanato alteram o programa da disciplina, reservando o segundo ano para o estudo da arquitetura do renascimento e barroco. A natureza do curso alterou-se daquela de sua origem vinculada a uma tradição das Belas Artes:

Como Egle Tricanato teria lembrado muitos anos depois, aquela a que Samonà dirigia a própria atenção era, mais propriamente, a história do objeto arquitetônico, analisada e reconstruída por meio seja de aulas *ex cathedra* seja por levantamentos e redesenho de realizações consensualmente exemplares, estudadas ao vivo ou por meio de livros e fotografias. (DOMENICH apud ZUCCONI; CARRARO, 2009:67). (Tradução da autora).

As modificações não cessaram entre as mais significativas estava a decisão de Tricanato de eleger Veneza como objeto de estudo. Dedicou-se ao conhecimento de sua arquitetura cotidiana, cujos resultados encontram-se na publicação de sua obra mais conhecida: “Venezia minore”. Domenichi (2011) refere-se a este trabalho de Tricanato como aquele que coloca em questão a visão decadentista e vernacular que imperava sobre a cidade a partir de Ruskin. É comovente sua referência ao trabalho da professora e vale a pena retomá-lo:

Incansável caminhante, munida de bloco de croquis e com a máquina fotográfica sempre a tira colo, Tricanato percorre cada ângulo da cidade, captura centenas de detalhes numa série infinita de registros velozes, mas precisíssimos, analisa detalhes construtivos, soluções planimétricas, elementos compositivos e decorativos, iniciando uma sistemática e criteriosa obra de levantamento e classificação analítica de patrimônio arquitetônico até então negligenciado. O desenho era o instrumento irrenunciável desta operação capilar de pesquisa. (DOMENICH apud ZUCCONI; CARRARO, 2009:69). (Tradução da autora).

Figura 1: Livro de Egle Trincanato - Estudos em Castello. Fonte: acervo da autora.



Em paralelo ao trabalho de Trincanato e Samoná, Saverio Muratori desenvolvia estudos sobre Veneza e a esses foi pioneiro como registrado em depoimento da própria Trincanato a Carrullo:

Talvez Muratori tenha sido o primeiro dos estrangeiros a dizer: “Vocês têm aqui Veneza e não se dão conta”. Mas, ele mal suportava estar em Veneza e mal suportava os venezianos. De fato, não teve nunca qualquer verdadeiro relacionamento dele com algum de nós. Ele era, na minha opinião, um professor de excepcionais qualidades; mas ele próprio se marginalizava.

Eu não tinha diálogo com Samoná nem com ninguém [...] No fundo tinha feito trabalhos análogos mesmo se não com seus sistema, buscando ver na construção, e não na arquitetura veneziana, alguns valores arquitetônicos. Ele, no fundo, buscava a mesma coisa, mas tinha, ao mesmo tempo, um certo modo a seu favor e desfavor, esta ideia de buscar a origem destas coisas; enquanto nós com os estudantes não tínhamos de forma alguma a intenção de procurar a origem. Me interessava aquilo que havia para entender e como poder usá-lo, restaurar. (TRINCANATO apud CARULLO, 2009:303-304). (Tradução da autora).

Figuras 2 e 3: Sede do Partido Democracia Cristã (1955-58), Roma. Fonte: Leandro de Cruz e Souza.



Saverio Muratori (1960) atuou como professor em Veneza entre 1952 e 1954. A referência a seu nome é obrigatória nas pesquisas sobre morfologia urbana. Suas reflexões teóricas desenvolvidas antes e durante a Segunda Guerra Mundial implicaram os conceitos de cidade como organismo e obra de arte coletiva, o esboço do conceito de história operativa e a defesa de continuidade das novas intervenções com as pré-existências (CATALDI, 2002). A importância desses professores e a menção aos seus trabalhos esclarecem como o debate italiano acerca da arquitetura moderna anunciava seu conteúdo crítico. A atenção atribuída à arquitetura do cotidiano por Trincanato precede o interesse pelo tema que

depois originaria estudos como o de Amos Rapoport (House, Form and Culture, 1969). A relação que Muratori estabelece com a tradição antecipa questões que serão posteriormente desenvolvidas por Rossi acerca do tipo em arquitetura, na esteira do mestre Argan.

Bruno Zevi foi outra presença imprescindível no ambiente cultural do IUAV. Sua nomeação como professor data de 1949, exercendo suas atividades até 1963, quando se transferiu para Roma. Por seu intermédio, estreitaram-se as relações do IUAV com Frank Lloyd Wright, que visitou a instituição em 1951, ocasião em que propôs o projeto para a Fundação Masieri, recusado pela municipalidade. As referências a Zevi aludem ao seu engajamento na defesa da arquitetura orgânica e ao seu temperamento particular:

Estava-se com Zevi na escola no sábado, não sei, estranho para um judeu, das nove da manhã até as sete da noite, em aula com ele sem comer. Uma sala plena de fumaça e ele atormentava continuamente todos para envolver no debate. Ele tinha uma técnica na qual apresentava a cúpula da Salute de Longhena e colocava próximo a cúpula de Brunelleschi e dizia “ Por que esta e feita assim?” Até que alguém concluía “porque assim flutua”, e ele respondia “muito bem, como o senhor se chama, o senhor compreende arquitetura, os outros são imbecis” (SEMERANI apud CARRULLO, 2009:351.) (Tradução da autora).

Até o momento, referiu-se à primeira geração de professores do IUAV sob a direção de Samonà. Na década de 1960, o instituto viveria uma renovação decorrente da transferência de alguns de seus professores para Roma, como foram, por exemplo, os casos de Zevi e Muratori para Roma de Albini para Milão. Fazem parte desta segunda geração de professores nomes como o de Leonardo Benevolo, Aldo Rossi, Carlo Aymonino, Manfredo Tafuri, provenientes de Roma e Milão, e professores formados pelo próprio instituto como Luciano Semerani, Gino Valle, entre outros. Neste período a "Escola de Veneza" havia se afirmado tanto em âmbito nacional quanto internacional. Os temas debatidos centrados na relação entre modernidade e tradição adquiriram valores positivos diante da derrocada do movimento moderno, muito significativamente traduzida pela supressão dos CIAMs e pelas polêmicas travadas com a construção da Torre Velasca (Milão, 1956-7).

O movimento estudantil de 1968 agitou a sede Tolentini do IUAV. Os estudantes, mobilizados em abril de 1967, ocuparam o instituto. Reivindicavam o direito de participação nos órgãos deliberativos, a renovação da didática do curso e a autonomia da pesquisa. A desocupação do edifício do IUAV deu-se pela presença da polícia, em virtude de uma denúncia de forças da extrema direita. Esta denúncia foi feita à revelia de Samonà e de outros professores que se recusaram a retomar o edifício. Todavia, após o enfrentamento com neofacistas, a resistência de professores e alunos cedeu e a desocupação do edifício foi feita (ZUCCONI apud CARRARO, 2011). O ambiente político polarizou-se, e a presença dos fundadores da revista “Contropiano” demonstra a dimensão política adquirida pelos estudantes que extrapolava as reivindicações da vida universitária. Paralelamente, abriam-se as portas para a universidade de massa, com a promulgação da Lei 910 de 1969.

Em particular Mario Tronti e Alberto Asor Rosa apresentam uma visão lúcida do papel do movimento estudantil e as estratégias de ação que permitem à universidade; “ter sobre o próprio controle a formação política e teórica dos pesquisadores, dos técnicos de fábrica, dos professores dos urbanistas, dos planejadores, escreve Asor Rosa – significa subtrair ao capital uma porção de sua autoconsciência [...] Este tipo de reflexão e similares podem ter conduzido ao começo de uma estreita colaboração com o PCI, no qual se inscreverão professores e estudantes, alguns dos quais assumirão cargos públicos importantes dentro do partido. (MANGOLO apud CARRARO, 2011: 185). (Tradução da autora).

Ao final da "era Samonà", era este o quadro geral do IUAV. O aumento no número de estudantes provocou uma crise na instituição, que necessitava de espaço e de professores. Em 1974, Carlo Aymonino assumiu a direção do instituto, cuja organização requeria transformações capazes de permitir a coordenação de um número crescente de estudantes e da especialização dos estudos em

arquitetura. A duplicação do curso pareceu a resposta possível e lógica. Para tanto, uma grande quantidade de professores ingressou no IUA, engrossando os três grupos de especialistas: o de projetistas, o de historiadores e o de urbanistas. Entre os novos professores encontrava-se Aldo Rossi (1976) que, em 1963, havia estabelecido, como pesquisador, uma colaboração com Aymonino, Vittorio Gregotti (1978) entre outros (ZUCCONI; MARTINA, 2011).

Neste período, a tensão entre os grupos constituintes do IUAV se acirra. Lembra-se que, em 1969, Tafuri pensava a possibilidade de criação de um instituto de história independente, com autonomia para a formação de historiadores no campo da arquitetura e da história urbana. Em torno de Aymonino reuniram-se, por sua vez, os professores de projeto que criaram o *Grupo Architettura*.

4. Concluindo: Frentes abertas pelo IUAV

Em Veneza é inútil invocar a história; qualquer esforço de imaginação é vão porque o presente se anula sozinho, como se não existisse de tanto que o passado é onipresente, transbordante, denso, como o limo no qual ela se afunda. (BRAUDEL, 2013,s.p). (Tradução da autora).

Para Zucconi (2014), a designação "Escola de Veneza" e a unidade nele implícita seriam talvez aplicáveis ao período em que o IUAV esteve sob a direção de Giuseppe Samonà. O número reduzido de estudantes e a personalidade agregadora de seu diretor teriam favorecido o esforço coletivo, colocando Veneza como referência europeia no ensino da arquitetura e urbanismo.

Todavia, à medida que o número de docentes e discentes crescia, as divergências tornavam-se claras. Entre essas, e talvez a mais significativa, foi a relação que os dois principais grupos atuantes no IUAV, os pesquisadores e professores de história da arquitetura e os professores de projeto, estabeleceram com a história da disciplina. Tafuri empenhava-se na criação do instituto de história independente e tornava-se uma referência importante com as reflexões teóricas desenvolvidas relativas à crítica à ideologia da arquitetura moderna. Em paralelo seu trabalho de pesquisa sobre o Renascimento iluminava-se com as contribuições da micro-história e com os debates que produziram as rupturas epistemológicas que caracterizaram as crises nesse campo disciplinar. Exemplo esclarecedor de seu trabalho encontra-se em "L'Armonia e I Conflitti: la chiesa di San Francesco della Vigna nella Venezia del 500" (1983), obra em parceria com Antonio Foscari. Na abertura do livro, encontra-se uma chave para a compreensão do trabalho de Tafuri como historiador. Ele anuncia: "Que o projeto de uma pesquisa não seja mais que um pretexto destinado a se multiplicar e se refratar em uma quantidade imprevisível de afluentes, é bem claro para todo estudioso (FOSCARI, 1983:3).

A história da Igreja de San Francesco della Vigna é um ponto de partida para deslindar a complexa relação estabelecida entre comitente, arquiteto, construtores durante o início e afirmação do Renascimento Veneziano. O longo período de sua construção, compreendido entre 1500 e 1593, permitiu a Tafuri a elaboração de um quadro cultural de Veneza durante o século XVI e nele identificando dois momentos de sua *Renovatio urbis*: o primeiro, de introdução da linguagem clássica na cidade lagunar; o segundo, o de sua afirmação, com a presença de Palladio. Importa salientar, na construção histórica de Tafuri, as fontes consultadas, o emaranho e a trama que tece, permitindo uma alternativa à história da arquitetura indo além de uma leitura de especialista. A arquitetura torna-se mais um documento a ser lido e interpretado.

[...] ...e também não crendo em "Histórias totais", é certo que a imersão da obra nos vários contextos permitiram a restituição de uma história que põe em questão as especializações tradicionais. Isto pressupõe a disposição por parte do historiador a deixar volatizar, ao menos no primeiro momento, os centros habituais das pesquisas. Ao que nos diz respeito, terá reconhecido que o objeto artístico deve ser indagado, antes de sua individualidade, como testemunha chamada a depor acerca de papéis a ela atribuídos pela(s) mentalidade (s) da época a qual pertence, a respeito de seu significado econômico, sua função pública, os modos de produção a ela incorporados,

as estruturas de representação (=ideologias) que a condicionam ou da qual é enunciativa autônoma.

Pesquisa policêntrica será aquela capaz de fazer interagir os vários sistemas que em diferentes modos “produzem” a forma visível de uma estrutura histórica. Trata-se de não proceder por somatórias – história do fato artísticos + história do mercado + história de modos de produções intelectuais e materiais + história política e religiosa, etc. – mas, por entrecruzamento múltiplos que por sua vez colocam problemas novos a cada disciplina. Talvez, interpretado “laicamente”, o conceito de mônada histórica individuada por Benjamin (FOSCARI, 1983:5-8). (Tradução da autora).

Se o objeto arquitetônico é considerado um documento a colaborar para o esclarecimento da “mentalidade” de uma época, ele não poderia ter uma função na ação presente e prática do projetista. Manfredo Tafuri firma sua posição contrária à história operativa e com ele concordava uma nova geração de historiadores. Conforme depoimento de Zucconi (2015), a fidelidade desse grupo a Tafuri e o controle que ele exercia sobre a produção deste permitem conjecturar sobre uma escola tafuriana no interior da Escola de Veneza. Esse controle compreendia a leitura e a crítica dos trabalhos, que retornavam às mãos de seus autores com anotações e sugestões criteriosas. Não só a produção dos historiadores era submetida ao seu crivo, como também se incluíam as participações em eventos, seminários, cuja importância era considerada por Tafuri. O que pode parecer, à primeira vista, uma ingerência ou mesmo sugerir um possível autoritarismo do historiador eram, segundo Zucconi, contribuições importantes e pertinentes, bem- recebidas pelos pesquisadores.

Em lado oposto ao dos historiadores reunidos em torno de Tafuri, encontravam-se os professores envolvidos com o ensino de projeto e que, de Muratori, Rossi, Aymonino a Luciano Semerani, não de forma homogênea e guardando a diferença entre eles, tomavam o contexto, em termos de forma construída, como ponto de partida para as novas intervenções. Os estudos morfológicos e tipológicos alimentavam seus trabalhos de projetos. Quando Aymonino assumiu a direção do IUAV e o grupo Architettura formou-se, a prática de instituir temas de estudos e apresentá-los ao grupo submetendo as pesquisas às críticas e colaborações de seus componentes tornou-se uma constante. O foco dos estudos era sempre centrado na forma, mas não como um documento a ser lido, desdobrado e confrontado com documentos de outra natureza, como defendia Tafuri. A forma adquiria uma autonomia, com um valor a-histórico. Uma longa linha de pesquisas com essa abordagem havia se desenvolvido na Itália. Ela vincula arquitetos como Muratori, as pesquisas de análise de Trincanato, o conceito de tipologia recuperado por Argan e que na interpretação de Rossi adquiriu relevância tanto em seus escritos quanto em sua arquitetura.

O trabalho de arquitetura de Luciano Semerani e Gigetta Tamaro exemplifica essas pesquisas e pode ser visto na ampliação do hospital de San Giovanni e Paolo. A variação modular do edifício, a presença de materiais como o tijolo e o revestimento em pedra, as arcadas no interior que orientam o fluxo de pedestres são leituras de elementos presentes no contexto urbano. Exemplificam como as formas do passado são continuadas no presente. O estudo do construído, como um todo, é um ponto de partida e inspiração para a concepção dos objetos atuais, e, neste processo, a continuidade com a pré-existência se dá pela criação de formas análogas.

Não poderia haver consonância nessas duas formas de abordagem da história. Em “Per un’idea di città: la ricerca del Gruppo Architettura a Venezia” (1968-1974) (ALDEGUERI, 1984), a divergência entre os grupos está registrada nos depoimentos de Dardi, Polesello e Semerani. Nele, há referências às críticas de Tafuri emitidas com uma voz “trovejante” aos estudos empreendidos pelo grupo. Portanto, a unidade supostamente existente encontra um ponto de fissura e discórdia nas formas de abordagem da história. Mas a “Escola de Veneza” não pode ser restrita ao debate desses seus dois importantes grupos. É imprescindível reconhecer no âmbito dessa instituição duas outras ordens de experiências, uma de abrangência internacional e outra talvez mais restrita à Itália. Refere-se à atuação de arquitetos em edifícios existentes e à criação do curso independente de planejamento

urbano e territorial.

Carlo Scarpa é o primeiro nome a ser lembrado, no caso das intervenções em edifícios antigos. As contribuições teóricas de profissionais italianos no que tange à intervenção em edifícios históricos compreendem um longo debate e uma rica bibliografia dele derivada. Todavia, Scarpa é a figura emblemática. Quando o tema é a ação do projetista, para o entendimento da sua obra é preciso ter em mente a interpretação original que fez da obra de Wright, assim como a sua própria vivência na cidade lagunar. O detalhe, a destreza e variedades no trato dos materiais, a marcação de junções e das transições são recursos que o arquiteto utilizou nos seus projetos em edifícios antigos. Porém, o conceito que orienta suas intervenções encontra-se presente nos próprios edifícios de Veneza, nas sobreposições de fachadas clássicas a igrejas góticas, como aquela da própria San Francesco della Vigna. Os edifícios de Veneza são sobreposições temporais, adições patenteadas e, portanto, identificadas com certa facilidade.

Figuras 4 e 5: Fundação Querine Stampalia, Fonte: acervo da autora.



Mas Scarpa não é uma figura única nessa experiência como bem exemplifica a sede do IUAV em Tolentini. A transformação do antigo convento na escola de arquitetura de Veneza nos anos de 1960 deve-se a Daniele Calabi, um dos professores da instituição. O edifício, cuja estrutura demandou estabilização, foi modificado para abrigar o programa da escola, exigindo alterações radicais, como a criação de pavimentos intermediários, a valorização dos detalhes antigos e novos, além da abertura de janelas em pontos privilegiados para entrar no edifício a beleza da cidade. Esta forma de abordagem continuou em atuações mais recentes como é a reconversão do cotonifício do século XIX para a atual sede didática do IUAV em Dorsoduro, realizada por Gino Valle em 1990.

Figuras 5 e 6: Sede IUAV Tolentini. Fonte: acervo da autora.





Resta ainda ressaltar outra importante frente aberta pela "Escola de Veneza". Embora sua orientação pedagógica tenha primado pela relação indissociável entre o objeto arquitetônico e a cidade, o planejamento territorial e o urbano assumiram uma especificidade e uma especialização que demandou a criação de um curso independente. Em 1970, foi criado o primeiro curso de graduação em planejamento e urbanismo capitaneado por um dos mais importantes professores de urbanismo do IUAV, Giovanni Astengo. A justificativa para sua criação compreendia os exemplos anglo-saxões vigentes já no início do século XX, a complexidade que a tarefa de planejar exigia, sendo o tempo reservado para a formação dos engenheiros e arquitetos insuficiente para a preparação de profissionais com competência para a elaboração de planos urbanos e regionais. Corroborava para validar a criação de um curso autônomo sua característica multidisciplinar, com conhecimentos de arquitetura e urbanismo, de economia, sociologia, direito e geografia, que seriam mais bem integrados no campo disciplinar do planejamento urbano e territorial. O curso criado por Astengo a partir do IUAV foi, portanto, o modelo que serviu à reforma do ensino nas escolas italianas que, a partir dele, tornaram distintas as profissões de arquitetos e planejadores urbanos e territoriais.

Estudos morfológicos e tipológicos, pesquisas no campo da história da arquitetura e urbana, intervenções em edifícios históricos e a concepção do planejamento territorial como disciplina autônoma parecem ser os pontos de atuação que tornaram o IUAV uma instituição importante, sendo ainda hoje um foco de interesse para pesquisadores. Conhecê-la um pouco melhor convida a pensar as suas repercussões entre nós, objetivo que se pretende perseguir com a continuidade deste estudo.

5. Agradecimentos

Expresso meu agradecimento à professora Donatella Calabi, Guido Zucconia e ao IUAV pela recepção como professora visitante em 2015.

6. Referências

ALDEGHERI, Claudio; SABINI, Maurizio. Per un' idea di città: la ricerca del Gruppo Architettura a Venezia (1968-1974). Venezia: Edizione Cluva, 1984.

BRAUDEL, Fernand. Venezia. Tradução Gemelli G. Bologna: Il Molino, 2013.

CATALDI, Giancarlo; MAFFEI, Gan Luigi; VACCARO, Paolo. Saverio Muratori and the Italian School of planning typology. Disponível em http://www.urbanform.org/online_public/2002_1.shtml. Acessado em 19/02/2016.

COHEN, Jean-Louis. O futuro da arquitetura desde 1889: Uma história mundial. Tradução Donaldson M. Garschagen. São Paulo: CosacNaify, 2013.

_____. La copure entre architectes et intellectuels: ou les enseignements de L'Italophilie. Bruxelas: Mardaga, 2015.

CARULLO, Rossana. IUAV: didattica dell'architettura dal 1926 al 1963. Bari: Poliba Press Arti Grafiche Favia, 2009.

FOSCARI, Antonio; TAFURI, Manfredo. L'Armonia e I Conflitti: La chiesa di San Francesco della Vigna nella Venezia del 500. Torino: Giulio Einaudi, 1983.

GIRARDO, Diane. Arquitetura contemporânea: uma história concisa. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

MANCUSO, Franco. Lo IUAV di Giuseppe Samonà e l' insegnamento dell' architettura. Roma: Fondazione Bruno Zevi; IUAV, 2004.

MONTANER, J. M. Depois do Movimento Moderno - Arquitetura da segunda metade do século XX.



Tradução de Maria Beatriz da Costa Mattos. São Paulo: Gili, 2013. p.110-126.

MURATORI, Saverio. *Architettura e Civiltà in Crisi*. Roma: Centro Studi di Storia Urbanistica, 1963.

MURATORI, Saverio. *Studi per Una Operante Storia Urbana di Venezia: Relazione sui risultati del Corso di "Caratteri distributivi degli edifici, tenuto a Venezia nel quadriennio 1950-54 in data novembre 1954, con integrazioni sugli argomenti sviluppati nell'anno accademico 1954-55 e successivamente*. Roma: Istituto Poligrafico Dello Stato, 1960.

NESBIT, Kate. *Uma nova agenda para a arquitetura: Antologia teórica (1965-1995)*. Tradução de Vera Pereira. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

TAFURI, Manfredo. *Storia dell' Architettura italiana: 1944-1985*. Torino: Giulio Einaudi, 2002.

TAFURI, Manfredo. *Autobiografia*. In: MARINO, Orlando Di. *Manfredo Tafuri: oltre la storia*. Napoli: Clean Edizioni, 2009, p. 106-107.

TAFURI, Manfredo. *Storia dell 'Architettura italiana: 1944-1985*. Torino: Giulio Einaudi, 2002.

ZUCCONI, Guido; CARRARO, Martina. *Officina IUAV, 1925-1980: saggi sulla scuola di architettura di Venezia*. Venezia: IUAV; Marsilio Editori, 2011.

ZUCCONI, Guido (Org.) *Daniele Calabi: Architettura e progetti 1932-1964*. Venezia: Marsilio Editori, 1992.